

Sob relâmpagos e trovões

Marcos Formiga*

A 19ª Conferência Mundial sobre Educação Aberta e à Distância, recém-concluída em Viena, Áustria, não teve o título acima, e sim "A nova fronteira educacional: ensinando e aprendendo em um mundo interconectado". "Sob relâmpagos e trovões" é o sugestivo nome de uma conhecida polca de Johann Strauss Jr. e também de uma exposição centenária no Museu Histórico de Viena.

Se no final do século passado, o som romântico do Rei da Valsa procurava relacionar a linha melódica de suas obras com os sons e as manifestações da natureza, tais como "O Danúbio azul", "Os bosques de Viena", "Rosas do sul", neste final do século XX, já no limiar de um novo milênio, a Educação, em todos os seus níveis escolares e diversificação de formas, está sob intensa trovoadas e luminosidade criadora. Tempestades transformadoras trazem radicais mudanças nos conteúdos e métodos de aprender e ensinar. Passamos da Sociedade da Informação à Sociedade do Conhecimento em um átimo.

Os fatos registrados nestas duas últimas décadas na Educação têm um paralelo na música do final do século XIX. Strauss Jr. trouxe tom e luz às multidões. Retirou a música erudita dos salões aristocráticos e das naves e claustros das igrejas e dos mosteiros. A música deixou o palácio e foi para rua. Saiu do domínio da elite e conquistou o povo. Fez com que todos dançassem literalmente! O fenômeno musical apresentado pela sonoridade e beleza de suas valsas, polcas, mazurcas e operetas o tornou o primeiro popstar da História. Multiplicou

orquestras, tornou-se a primeira celebridade intercontinental. Graças à sua mais famosa valsa, "O Danúbio azul", recordista continuada dentre as mais tocadas músicas de todos os tempos, o primeiro sucesso musical em dimensão mundial. É, também, com o gradiente dos acordes de "O Danúbio azul" que surge o fenômeno da música popular. Sem Strauss Jr., não chegaríamos a Armstrong, Sarah, Elvis, Beatles, Rolling, Pavarotti, Karajan, Píxinguinha, Tom, Elis, Roberto, Chico etc.

O som e a luz de Strauss têm seus correspondentes na Educação. As novas tecnologias da informação estão democratizando a Educação. Se este fenômeno nos países desenvolvidos antecipou-se à revolução tecnológica dos meios de aprendizagem agora a qualidade da Educação deixa de ser privilégio de país rico e de universidade famosa para chegar gradativamente ao povão, e ao Terceiro Mundo.

No intervalo entre meados de junho passado e meados de agosto próximo, a população mundial alcançará 6 (seis) bilhões de habitantes. A democratização do acesso e as facilidades tecnológicas disponíveis, em particular pela Internet, fazem com que 3 (três) bilhões de pessoas estejam estudando ou querendo estudar. Isto merece uma intensa reflexão. Cinquenta por cento — metade da pessoas — estão ou estarão entrando em uma atividade de

estudo/aprendizagem.

A demanda por educação cresce exponencialmente, a rigidez na oferta e no número de professores disponível não acompanham o crescimento da demanda por formação. Na busca de soluções, a Educação Aberta e a Distância considerada até então apenas como um substitutivo, cresce a passos largos para se transformar em majoritária. A escola, tal como conhecemos até agora, será e continuará a ser

um local ideal para formar crianças e jovens. Mas será quantitativamente minoritária. A escola ganha, uma nova dimensão: a escola é a casa, é a fábrica, a igreja, o sindicato, o clube e a associação do bairro. E a escola sem paredes, aberta e flexível.

Os novos meios

de comunicação farão o povo aprender, tal qual Strauss fez o povo cantar e divertir-se.

O País ainda está em busca de um popstar da Educação. Alguém que faça algo semelhante ao que Strauss fez com a música. Tivemos grandes educadores que muito nos honram: Anchieta, Ruy, Anísio Teixeira, Florestan Fernandes, Paulo Freire, Gilberto Freyre, Carlos Maciel, Darcy Ribeiro, João Calmon e em especial o exército de professoras anônimas espalhadas por todo o Brasil. Suas idéias foram, quase sempre, além das suas realizações. Muitos deles, diga-se por justiça, foram impedidos e interrompidos de complementar

a sua ação educacional.

A Conferência Mundial de Viena mostrou claramente que no embate Universidade e escolas tradicionais versus empresas e organizações de aprendizagem, estas últimas já levam vantagem. Na nova Educação marcada pelo uso intensivo das tecnologias de aprendizagem (knowledge media), a Academia cede lugar à competência gerencial das empresas e chega a assustar pela avalanche do ritmo frenético das inovações. O timing é diferente. A Universidade Corporativa é a mais nova ameaça à Universidade Tradicional, que quer continuar fiel às suas origens medievais, em tempos de Educação globalizada, via Internet e www.

Nos países em desenvolvimento, como o Brasil, a escola ainda é sinônimo de privilégio. A TV invadiu a nossa casa sem pedir licença. É uma pena que não seja uma TV de qualidade para 44 milhões de aparelhos que poderiam educar 160 milhões de brasileiros. Por outro lado, a queda contínua dos preços dos computadores pessoais fará dele o próximo eletrodoméstico a invadir nossos lares; já são 8 milhões e meio de microcomputadores, dos quais quase 4 milhões já estão em rede pela Internet. Estamos preparados para esta nova invasão? Que venham com ela as luzes intensas e sons afinados do Conhecimento! Entre trovões e relâmpagos da Educação brasileira ou aos "trancos e barrancos", na feliz expressão de Darcy Ribeiro. Será o compu-

* Do CNPq / Finep
Coordenador do Laboratório de Estudos do Futuro (LEF) da UnB e atual Vice-Presidente da Associação Brasileira de Ensino a Distância (ABED)

